



## Os meus livros inesquecíveis

### Maria Ondina Braga

Comecei tão cedo a ler, tão cedo a amar a leitura que, se não estou em erro, os meus primeiros livros inesquecíveis foram os dicionários. Lá em casa havia o dicionário português do pai e o francês do tio. Minha mãe, aliás, aconselhava-nos a consultá-los. Palavras, a maioria, com várias significações, pelo que, além de as escolhermos e as ajustarmos às ideias, ficaríamos a escrevê-las correctamente. Daí, nas férias grandes, eu tardes inteiras agarrada à *Ilustração Portuguesa* e o dicionário de Cândido de Figueiredo e o enciclopédico *Larousse* sempre a meu lado.

Inesquecível para mim, também, de certo modo, a *Ilustração Portuguesa*, em particular pelas suas inúmeras gravuras. Retratos dos nossos reis e rainhas e de mais soberanos estrangeiros. Retratos de actores e actrizes, artistas plásticos, músicos, cantores, dançarinos, todos famosos naturalmente, quer na capital portuguesa, quer em Paris, Londres, Roma, São Petersburgo. Escritores, contudo, nem por isso. Mas sim os costureiros das modas da época: damas elegantes de vestidos a rasto e espantosos chapéus com penas de avestruz, e cavalheiros de gravata à *lavallière* e chapéu de coco.

Figuras, a maior parte, senão mesmo todas, tendo já atravessado as fronteiras da vida. Fosse como fosse, o que não aprendi, afinal, nessas dezenas de livros encadernados, pesados, que o pai colecionara em solteiro e que, malgrado certa frivolidade, iam desafiando os fastos históricos.

Recordo-me, por exemplo, de, no volume de 1910, uma referência ao *Amor de Perdição* representado num teatro em Hamburgo com autêntico êxito. Isto muito embora os alemães considerassem os portugueses um povo antiquado e selvagem. Tal notícia ficou-me decerto na memória devido ao termo "selvagem". Senão ao facto de o pai e o tio haverem comentado longamente, à mesa, essa antipática opinião germânica.

Num outro calhamaço vinha o retrato a cores da prima Aurora, como uma das melhores harpistas portuguesas, a tocar harpa no palacete de seu pai.

A mãe falou, então, dessa prima que ela própria, em moça, costumava acompanhar às águas de Caldelas e que, tendo casado rica, o marido, um ciumento, nem sequer a deixava sair à rua. A pena que aí não senti pela prima Aurora encarcerada por esse Barba Azul! Ela senhora das chaves das sete portas do castelo encantado e, salvo seja, sem jamais poder transpor a sétima! Bonita, boa, e um anjo a dedilhar harpa, Aurorinha – suspirava minha mãe – e, coitadita, aquela fraca sorte... E entretanto eu a ocorrer-me o poema de António Sardinha da selecta da escola:

*A Silvaninha presa  
Traziam-na fechada a sete chaves.  
Tu és a minha amada fortaleza  
Com muros, torreões, ameias graves...*

Que livros de histórias para crianças só tive um. Andava pelos meus sete anos. O tio, tendo ido ao Porto, em trabalho, trouxera da Feira do Livro do Porto um para mim e outro para a minha irmã. A maior das alegrias da minha infância, essa prenda, parece-me. O certo é que desatei a ler e a reler todos os dias aqueles livros, um atrás do outro, a ponto de acabar por saber as histórias de ambos de cor e salteado.

Histórias como as do cão que tinha olhos do tamanho de xícaras, o cão de

olhos que nem as rodas de um coche, e o cão cujos olhos eram maiores que a mó de um moínho. O primeiro dos cães a par de tudo quanto se passava dentro e à volta do palácio do rei. O segundo alcançando a cidade inteira. O terceiro o reino todo. E os três ali a servirem de guardas e guias à princesa-real que era cega.

Livros, pois, maravilhosos os da oferta do tio. E também as *Fábulas* de Laura Chaves, às quintas-feiras, no jornal *O Século*. Tão originais e tão bem escritas essas *Fábulas*, em verso, que pergunto a mim mesma por que razão, há tantos anos, se encontram esgotadas nas livrarias. Para mais num país como o nosso onde raras as obras assim capazes de entusiasmar não só crianças e adolescentes como os próprios adultos.

Cresci, portanto, entregue a leituras não escolhidas mas sim as que me vinham à mão. Livros que todavia muitas vezes não troquei por passeios e brincadeiras no quintal.

Tinha, entretanto, onze anos. O pai falecera. A estante dos livros dele ao meu dispor. A mãe gostava era que os filhos estivessem sossegados e contentes. Ia ela, pelo Natal, com os meus irmãos, ver os presépios nas igrejas de Braga. O presépio de Santa Cruz, o do Carmo, o da Penha, o dos frades de Montariol. "Ah, eu já vi o ano passado. Antes quero cá ficar". "Sozinha?" "Oh, isso não importa. Ando a ler as *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano". Literatura imprópria para a minha idade, talvez. *O Monge de Cister*. *Eurico o Presbítero*. *O primo Basílio* de Eça de Queirós.

Se a tia metesse ali o nariz, provavelmente não acharia aquilo bem. Mas quem sabe? De qualquer modo, ela sempre fora de casa. Nos sermões, nos retiros, nas visitas aos doentes. Frequente, mesmo, virem pessoas pedir-lhe para ela ir assistir a um moribundo. Homens e mulheres que não iam à missa nem se confessavam pela Páscoa da Ressurreição. Amantizados, alguns, e com filhos naturais, mas que, logo que a morte lhes batia à porta, arrependiam-se, casavam-se, regra geral, à cabeceira da cama, legitimavam a prole. E casos diversos. Um supor, a nossa vizinha a finar-se de cancro. O marido mau, um tirano, um bruto, e contudo agora não apenas a pedir o padre para a pobrezinha como ele próprio a querer ficar de bem com Deus, louvado seja!

D. Glória, por conseguinte, a intermediária da acomodação de tais pecadores com a Divina Eternidade. E tanto pobres como ricos. Parentes e estranhos. O primo Zulmiro, segundo visconde de Semelhe, esse, na hora final, a exigir que todo o mundo saísse do seu quarto – a viscondessa inclusive – excepto a prima Glória a quem queria apertar a mão. Terceira franciscana, a nossa tia, era também meio enfermeira, tratava feridas, dava injeções, aplicava ventosas nem que fossem sarjadas. E muito relacionada com médicos, ela. E, claro, com os santos. Santos que colecionava tal como colecionava mezinhas.

Entrementes, eu no liceu, e a boa sorte que tive com o professor de Português. Estudávamos os poetas. João de Deus, Cesário Verde, António Nobre, Antero de Quental. E Bocage. E o erudito Sá de Miranda que vivera ali perto, em Duas Igrejas, e dava agora o nome à nossa escola. E evidentemente Camões. O nosso épico que, enquanto os meus alunos em Pequim, na década de oitenta, a decorarem cantos dos *Lusíadas*, eu naquela altura, os sonetos: *O Dia em que nasci moura e pereça / Não o queira jamais o mundo dar...* Os chineses para quem, acima de tudo, está a longa vida, de mãos atadas na cabeça, eles: “Não, professora, isso não! Isso nunca!” Não apreciavam o dito soneto, os meus alunos. Tradição chinesa, a longa vida. Já no tempo do império era assim: *Ban Ze!* = Dez mil anos para o Imperador!

Eis, porém, que, do dia para a noite, o fantasma da doença. Um mal misterioso que os clínicos de Braga não acertavam na cura. Decerto nem só os de Braga, nesse tempo. E vi-me tristemente obrigada a interromper o último ano do curso.

Doente, mesmo assim, para fazer alguma coisa quis aprender renda de bilros. E aprendi. A minha professora, irmã da nossa empregada, era mestra num colequinho da Rua dos Pelames e dona de umas mãos de prata.

E, a par dos bilros, a minha queda para a poesia que os jornais da cidade publicavam e que, mais tarde, sairia em volume, na Livraria Cruz, com o romântico título: *O Meu Sentir*.

O mais interessante, à data, foi, mal-grado a minha pouca saúde, um desejo a devorar-me: o de ler a *Bíblia*.

Devo no entanto dizer que as *Sagradas Escrituras* não significavam para mim apenas princípios religiosos. Não. Eu nunca fui, verdadeiramente, o que se chama piedosa. A mãe, não obstante, contava por vezes histórias da *Bíblia* tão singulares que me faziam até desconfiar de que ela lhes acrescentara um ponto. As Pragas do Egipto, por exemplo. Rãs a cobrirem a terra toda do Faraó. Gafanhotos a destruírem as culturas. E pior ainda o facto de as águas do rio se mudarem em sangue e o Egipto ficar três dias inteiros às escuras: “Umbras trevas tão densas que se podiam mesmo apalpar”, afirmava minha mãe. Também a parábola de Jonas três dias e três noites no ventre de uma baleia. E a santa paciência de Job que, de pobre de rico, passara a mendigo.

Conclusão: a leitura de tais Escrituras que eu ia fazendo devagar, meticulosamente, sem saltar uma linha, a mexer tanto comigo essas narrativas que frequentemente as repetia. A mãe, afinal, não inventara nada. Não. Coisa única esses Livros, ora Históricos, ora Proféticos, e até Didácticos. Os Provérbios. A Sabedoria. O Cântico dos Cânticos! Algo que, muito depois, havia de comparar com os preceitos budistas e taoistas. O amor. A verdade. O respeito. Que, no mundo dos homens, a harmonia não era senão a que cumpria as leis da Natureza. E que o homem total e a totalidade do Universo tinham de ser solidários, tornando-se assim um só.

Segue-se que, ao mesmo tempo que a *Bíblia*, quando não antes, o meu interesse por dois livros que lera aos doze anos e cujo autor se falava lá em casa ter sido muito infeliz: Camilo Castelo Branco. Chamavam-se esses livros *A Queda de Um Anjo*, cheio de humor, e *Doze Casamentos Felizes*. Curiosa, pois, por conhecer mais de Camilo e sabendo que o nosso vizinho farmacêutico, senhor Paiva, possuía a colecção completa, pedi-lhe que me emprestasse aos poucos. O que ele logo fez. Bonitos volumes encadernados a couro verde, lembro-me bem. E lia um por dia.

Esquisito, contudo, inexplicável, quase, a obra de Camilo ali a parecer-me, salvo seja, uma espécie de *Bíblia*. Novelas igualmente de paixões e ódios, força e fraqueza, a vitória e a derrota, a esperança e a desilusão.

Isso muito embora na obra de Camilo não o Olho do Céu lá em cima atento e a encaminhar os seres humanos, como acontecia na Divina Escritura. Não.

Aqui era o destino. Eram as *Estrelas Funestas* e as *Estrelas Propícias*. O *Romance do Homem Rico* e o *Romance do Rapaz Pobre*. *A Luta de Gigantes*. *O Demónio do Ouro*. *Onde Está a Felicidade?*

Para Camilo, pois, o homem inteiramente à mercê do Bem e do Mal, ou seja, à mercê de si mesmo. Em suma, o homem só e indefeso.

Li, portanto, de fio a pavio, a colecção completa que o senhor Paiva me emprestara. E, uma dúzia de anos depois, tornei a lê-la em Macau, no meu quarto da Casa das Professoras, cedida pela Biblioteca do Leal Senado de que eu era sócia. E a meu tio, idoso e com princípio de cataratas, ler-lhe-ia também livros como *A Corja*, *Novelas do Minho*, *A Brasileira de Prazins*. Admiráveis.

E, ao presente, quando já conheço muitos outros escritores portugueses, se os dias e as noites não voassem como voam, voltaria era a ler Camilo.

Os romances de Camilo Castelo Branco com toda a sua graça e desgraça, o seu vasto e exacto vocabulário, a imaginação fecunda, a sátira, o sentimento, o génio... Os romances de Camilo continuam a ser para mim os mais inesquecíveis livros de toda a minha vida.